

CUADERNOS DE
RECIENVENIDO

ANA CAMBLONG

Habitantes de frontera

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CUADERNOS DE RECIENVENIDO/27

*Publicação do Curso de Pós-Graduação
em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana*

Editora: MAITE CELADA

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

Cuadernos de reciénvenido / publicação do programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana [do] Departamento de Letras Modernas [da] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas [da] Universidade de São Paulo. – n. 19 (2004) -. – São Paulo : Humanitas, 2004- v.; 21 cm

Irregular
Publicado: DLM/FFLCH/USP, n.1 (1996) - n.18 (2002); última edição consultada: n. 24 (2008)
ISSN 1413-8255

1. Literatura Espanhola. 2. Literatura Hispano-americana. 3. Língua espanhola. I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana.

21ª. CDD 860
460

HUMANITAS

Presidente
Francis Henrik Aubert
Vice-Presidente
Ieda Maria Alves

© *Copyright* 2012 by Ana Camblong

Todos os direitos desta edição reservados à Humanitas
Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*
Agosto 2012

NOTA EDITORIAL

Ana Camblong (Universidad Nacional de Misiones - Argentina) visitara este Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana em 1994, a convite do Prof. Jorge Schwartz. Naquele momento nos falou sobre crítica genética na obra do escritor argentino Madedonio Fernández pois o trabalho com a literatura e, especificamente, com esse escritor foi um dos focos dos estudos que a pesquisadora desenvolveu com paixão. Na ocasião, compôs uma mesa memorável, junto com Ana María Barrenechea, Élide Lois – ambas docentes da Universidade de Buenos Aires – e Maria Inés Palleiro, pesquisadora também da Argentina. Dessa atividade, não ficou registro escrito.

Em junho deste ano de 2011, tivemos a oportunidade de contar com uma nova visita da docente, quem realizou uma atividade especialmente significativa em nossa Universidade, por ocasião de sua vinda a São Paulo para participar da primeira edição da Jornada “Hispanismo(s): limites incertos”, organizada pela Associação Brasileira de Hispanistas. Assim, ofereceu uma bela palestra – no caso, sobre outras das paixões da pesquisadora – que foi especialmente aproveitada por pós-graduandos e por alunos avançados da graduação e cujo título foi “Habitar la frontera”. Como fora filmada, graças à generosa autorização da docente, conseguimos inclui-la dentro de uma vídeo-conferência, no Ciclo Permanente que a Área de Espanhol realiza numa parceria com a CENP/Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O leitor pode assisti-la, portanto, na videoteca da Rede do Saber http://media.rededosaber.sp.gov.br/see/LEM_14_09_11.wmv ou no site da área de Espanhol, no qual esta vai deixando registro das ações que dedica a acompanhar a implantação da língua espanhola na escola brasileira, de acordo com a Lei 11161: <http://dln.flch.usp.br/espanhol/implantacao-do-espanhol>

Nessa palestra, a autora nos coloca em contato com as vicissitudes que habitam o espaço que, em Misiones – estado da região do nordeste da Argentina –, é atravessado por várias fronteiras nacionais e pelas materialidades das também várias línguas (não apenas nacionais) que habitam esse espaço. Assim, Camblong nos mostra – com o convencimento que caracteriza seu compromisso com o território do real – como se viu obrigada a agenciar uma série de conceitos

e a formular um modo de trabalho na escola da fronteira que estivesse marcado por algo que caracterizaríamos como uma abertura à alteridade e que consiste em produzir nos docentes (“en los maestros”) uma sensibilidade que lhes possibilite uma escuta capaz de se expor à diferença que traz a língua com a qual cada criança chega à escola nesse espaço tão singular. Isto permitiria interromper a rotina instalada na escola que, obcecadamente, tende a impor sua autoridade para perpetuar a língua imaginária, às vezes um puro poço seco e sem fundo, como poderia dizer Juan José Saer. Interpreta, então, o contexto e nos diz como deu resposta (mediante um projeto de formação especializada de docentes) ao velho dilema da escola nos estados nacionais nas específicas condições que implica um espaço de fronteiras, mediante o reconhecimento do que ela designa como *umbral semiótico*. Este se refere à passagem ou impasse implícito quando a criança atravessa o limiar da escola, investindo na travessia que a faz arcar com os custos simbólicos que riscam a pura malha aberta de sua subjetividade.

Afetados pelos sentidos que Camblong mobilizou nessa rica exposição, solicitamos à pesquisadora que preparasse o texto que aqui publicamos: “Habitantes de la frontera”. Desse modo, ela deixa – agora, sim – o registro escrito de sua passagem por este programa, cumprindo com o rito do “recienvenido” que outrora ficou pendente. Nesse texto, a autora aborda a rica articulação conceitual que desenvolveu para pensar a questão da fronteira. Assim, com lucidez e ampla liberdade, mobiliza e ressignifica conceitos tais como o de mestiçagem, especial e altamente produtivo para os que habitamos o território do Cone sul e nos preocupamos com as questões de linguagem e educação no continuum que significa esse espaço. Ao tecer a referida rede conceitual, a reflexão se detém no reconhecimento do referido *umbral semiótico*.

Sua escrita está marcada, como não podia ser de outro modo, pelo entremeio das várias línguas que atravessam o lugar a partir do qual essa autora enuncia e, também, por um aguda sensibilidade que se combina com a necessária precisão de quem indaga sobre o ímpio registro do real e sobre a violência que este implica quando o sujeito fica a sua mercê, na fria solidão da passagem que as diferentes formas do *umbral* implicam. No caso das crianças na escola, sem aconchego simbólico, e sem contar sequer com uma interlocução que possa contribuir para produzir projeções imaginárias capazes de introduzir nuances, aliviando assim a condição desses habitantes da fronteira.

Maite Celada

Habitantes de frontera

Ana Camblong

Introducción

Nuestros trabajos de investigación se encuadran en el campo disciplinar de la Semiótica y concentran sus actividades en los procesos de alfabetización en “lengua oficial” en zonas rurales fronterizas de la Provincia de Misiones – Argentina –, territorio incrustado como una cuña entre Paraguay y Brasil, con un 80 % de sus límites internacionales, marcados principalmente por los ríos Paraná y Uruguay. Esta ubicación geopolítica determina en primera instancia una base poblacional de la región tripartita con características socioculturales compartidas y diferenciadas en estrecha interacción y convivencia con los países vecinos. En este escenario coexisten las lenguas oficiales en uso: español-argentino, guaraní-paraguayo y portugués-brasileño; esta nominación abstracta solapa múltiples variantes mestizo-criollas que los ajetreos históricos han “amalgamado” en tantos años de intercambios, fusiones y fricciones semióticas sujetas a decisiones políticas centralizadas y a las resoluciones prácticas de la vida cotidiana. En la frontera con Brasil se ha consolidado el uso del “portuñol”, un dialecto fronterizo con base de portugués y mezclas de español, con diversos grados de estandarización y amplio margen de variaciones en correspondencia con las dinámicas propias de zonas fronterizas.

La heterogeneidad poblacional hasta aquí mencionada, se ha visto intensificada por el arribo de grandes contingentes inmigratorios europeos a fines del siglo XIX y en continuidad hasta mediados del siglo XX tras los movimientos provocados por las dos Guerras Mundiales. La provincia de Misiones ha sido destino final de polacos, ucranianos, alemanes, suecos, suizos, rusos, españoles e italianos que se han establecido y se han integrado de manera estable a la sociedad nacional argentina.

En esta descripción elemental de aluviones humanos en tránsito, en diásporas y búsquedas habitacionales, cabe destacar la obstinada y valiente

supervivencia tribal de poblaciones aborígenes denominadas Mbyá que conservan su lengua, sus costumbres y memoria ancestrales. Las parcialidades dispersas en distintos lugares mantienen una lucha constante en demanda de tierras y de sus derechos poco atendidos, desde debilitadas posiciones económicas, culturales y políticas.

Como se podrá apreciar, la presencia multiétnica y multilingüe hasta aquí bosquejada, introduce un enredo de fronteras diversificadas y movedizas al interior de los confines geopolíticos de la provincia que exasperan su complejidad sociocultural. A partir de tal configuración “empírica”, nuestra reflexión teórica intenta plantear una constelación conceptual y diseñar operaciones metodológicas que resulten adecuadas para facilitar los procesos de alfabetización inicial en la “lengua oficial”. No obstante, nuestro cometido no se agota exclusivamente en la alfabetización sino que despliega sus consideraciones hacia un amplio espectro teórico con disquisiciones sobre modos, regularidades y avatares de las interacciones en la vida práctica de ámbitos fronterizos. Existen pues, a nuestro criterio, idiosincrasias fronterizas, plurales, móviles, involucradas en dinámicas de mestizaje.

En dicho planteo se pretende postular nociones que contribuyan a optimizar interpretaciones de estos complejos mundos, de ahí que el título refiera a “habitantes de fronteras” con miras a ampliar el horizonte de reflexión. Sin pretender definiciones universales, procuramos formular consideraciones y argumentos factibles de utilizarse en otros contextos, con fines diferentes y de resultar adecuados para otros propósitos y otras disciplinas.

1. Habitar – hábitos – hábitat

Iniciamos nuestra andadura considerando algunas implicaciones significativas de lo que entendemos por “habitar”, vocablo que conserva intacta la morfología del verbo latino *habitare*, y sus antiquísimos alcances semánticos referidos al menos a dos aspectos que nos interesa poner en relieve: por un lado, lo concerniente la morada en un lugar determinado, “alojarse, hallarse habitualmente en pasar la vida en”, y por otro, lo atinente a los “hábitos” de dicho transcurrir cotidiano, a las costumbres gestadas por regularidades de la vida práctica. Si abordamos la primera dimensión estamos en condiciones de ponderar las incidencias espaciales en la conformación de la memoria y el imaginario de ese animal semiótico denominado “humano”. El espacio en tanto lenguaje primario define la condición territorial básica de la interacción humana y rige ordenamientos

del imaginario que van desde lo icónico y diagramático, hasta la conformación de las frases más triviales de nuestro lenguaje cotidiano. A modo simple de ejemplos, recordemos frases tales como: “eso estuvo fuera de lugar”, “viene del interior”, “comemos afuera”, “alta cultura” “los de afuera son de palo”, “fue un golpe bajo”, “no exterioriza sus sentimientos” “sigamos adelante” y así podríamos continuar con miles de sintagmas y léxicos que testimonian la injerencia primaria del espacio en nuestro acervo semiótico.

Las incidencias territoriales de nuestros mundos semióticos conciernen a la instalación de la existencia de cada cuerpo, de cada vida en el espacio material y simbólico en sitios determinados, a sus recorridos y apropiaciones, a sus distribuciones y jerarquías. La dimensión espacial condensa sus sentidos plurales y polivalentes en el mero hecho de “habitar” y su devenir histórico configura ese “lugar” material, de características particulares, investido de significaciones valorativas, experienciales, afectivas y pasionales denominado “hábitat”. Más allá de cambios, desplazamientos y nomadismos varios, el “hábitat” en sus infinitas concreciones empíricas y socioculturales, alude en forma global y compleja al hecho de ocupar un lugar en el mundo, a las posiciones y operaciones distributivas en sus múltiples alcances. El “hábitat” recibe y contiene el “habitar” en una dinámica de ida y vuelta, dado que será la instalación humana la que configure un “hábitat” determinado y viceversa. Lo material y lo simbólico integran una continuidad semiótica “habitacional” cuyas determinaciones y correlatos “habituales” se mueven al ritmo de los procesos históricos de cada grupo, de cada pueblo, de cada cultura.

Concentrados en estas categorías que el propio lenguaje atesora en sus arcas semánticas de saber comunitario antropomórfico, correlacionamos “habitar” y “hábitat” en cuyo ensamble dinámico se gestan los “hábitos”. Vale la pena subrayar la pertinencia básica de este tríptico soporte de los principales desarrollos posteriores de nuestra argumentación. No se trata de una tautología ni de un redundante juego de palabras, sino de un dispositivo conceptual de correlatos múltiples que permite un despliegue semiótico de amplitud productiva notable. Suponemos pues, que los aprendizajes necesarios para la supervivencia desde comer, caminar y resguardarse hasta significar, hablar y pensar, interactuar, actuar y experimentar, se generan, se incorporan y se transforman en repeticiones de regularidades variables en el seno de un grupo que habita el mundo – un “hábitat” – con determinadas modalidades denominadas “hábitos”. Los “hábitos” en su sentido más abarcador conciernen a toda actividad sociocultural con infinitas posibilidades y se constituyen en prácticas

semióticas que rigen las experiencias de la interacción humana. Los “hábitos” no tienen una acepción exclusivamente biológica sino que encarnan la continuidad entre el cuerpo entrenado que aprende y los mandatos de la compleja memoria semiótica de los grupos humanos. Dicha continuidad interpreta la creatividad humana inmersa tanto en las condiciones materiales de la existencia cuanto en la potencia transformativa de la misma interacción histórica. (Peirce, 1988) La continuidad habitual instala al “habitante” en su respectivo “hábitat”, dispositivo que podrá tener todos los cambios, modificaciones y movimientos que la inquieta criatura humana intente, quiera o pueda emprender. El “habitante” será el portador activo de esa memoria semiótica situada que interactúa con el mundo y con otros habitantes.

En el complejo heterogéneo de hábitos, recortamos el “hábito de los hábitos” por excelencia: el lenguaje. Su aprendizaje, su desarrollo, sus innumerables usos y alcances, sus operaciones, sus flexibles e infinitas alternativas y sus sofisticadas incidencias en la vida humana, no hacen más que “mostrar” en qué consiste la potencia semiótica de los hábitos. Aunque en un primer acercamiento el “hábito” puede parecer una actividad primitiva elemental restringida a la repetición con nulo margen de cambio o creatividad, la concepción realista pragmática considera que los hábitos en su misma iteración interactiva suponen la posibilidad de experimentar modificaciones, transformaciones y traducciones. El lenguaje adquirido en un extenso proceso de aprendizaje implica repetición, diferencia, error y ajuste constante; y en esa misma rutina se incorpora la capacidad de variaciones y traducciones. Las traducciones semióticas no se restringen al pasaje de una lengua a otra, sino que se aprenden y se ejecutan en la dinámica de una misma lengua. Cuando en el uso cotidiano del lenguaje introducimos frases tales como: “dicho de otro modo”, “lo explico de nuevo” y repetimos lo mismo pero diferente, estamos implementando el mecanismo básico de la traducción. Este sería uno de los tantos ejemplos que podríamos dar acerca de los entrenamientos que practicamos de la traducción inmersos en la semiosis infinita. La traducción semiótica entonces, involucra a todos los signos en general y al lenguaje en particular.

Ensayemos una traducción semiótica de lo que hasta aquí hemos planteado con este tríptico esquemático de categorías, con el único fin de destacar los aspectos que a nuestro criterio rigen aprendizajes semióticos básicos de la existencia y las experiencias humanas. Cabe advertir el esfuerzo por evitar un enfoque psicológico, no porque resulte inapropiado o lo invalidemos, sino porque pretendemos sostener la argumentación en el

campo disciplinar de la Semiótica, con aportes de Filosofía, de Antropología, de Lingüística, etc. Retomando nuestra propuesta de traducción semiótica, pensamos que podríamos traer a colación una frase coloquial utilizada con frecuencia en contextos disímiles: “estoy como en mi casa” o bien su variante “me siento en casa”. Interlocutores de cualquier nivel sociocultural podrán interpretar con rápida precisión a qué se refiere esta expresión. Cada uno que la use se estará refiriendo a experiencias habitacionales primarias sin importar si es una vivienda rural, urbana, suburbana, grande o chica, cercana o lejana, nueva o antigua, rica o pobre, ninguna de estas cualidades resultan pertinentes, dado que el enunciador engloba y anuda en este compacto giro del “sentido común” un clima en el que respiran sus “hábitos” más familiares, más íntimos, incorporados en ese “nido semiótico” que llamamos “hábitat”. No se trata entonces de la “casa” material, ni de cualquier casa simbólica (“casa de la cultura” “casa de gobierno”), sino de ese complejo semiótico primario que intentamos desplegar hasta aquí. La traducción atestigua la plasticidad extrema del lenguaje en su potencia para operar con los signos, no sólo lingüísticos sino involucrando extensas masas de significación y sentido.

En la misma dirección se podría mencionar nuestra variante local del español que utiliza la frase “no me hallo mismo” o bien “me hallo demasiado”, cuya significación alude en primera instancia a esa confortable y gustosa comodidad con algo o con alguien que coincide o no, con la propia costumbre, con la misma modalidad que comparten o provienen del mismo “sitio semiótico”. Una habitualidad situada, reconocible, palpable, sensible. Sin hacer una incursión filológica exhaustiva convendría reparar en algunos datos que nos ayuden a apreciar las huellas antiguas en el cuerpo de las palabras y sus empleos multiformes. Si tenemos en cuenta que “hallar” proviene del verbo latino *afflare*, que remite a “soplar” “rozar con el aliento algo” y de ahí pasa en el medioevo al sentido de “olisquear, buscar la pista de algo”, sería conveniente tomar nota de esta acción de recorrer un espacio teniendo al olfato como primario lector de indicios y significación. Tal como lo registra el diccionario de la RAE, “hallar” tiene un conjunto muy rico de acepciones, principalmente como verbo transitivo, “hallar algo”. Pero para comprender el sentido con que utilizamos esas frases en nuestro dialecto local, tendremos que recurrir a la última acepción: “**no hallarse**: no encontrarse a gusto en algún sitio o situación, estar molesto”. Otros diccionarios recogen la forma intransitivizada y alterada semánticamente por el “se” tanto negativa cuanto positiva, tal como la utilizamos nosotros, generalmente con adverbios que enfatizan la expresión, recurso típico del

discurso local, y hasta se llega a decir “me hallo demasiado mucho”. Estimo que “no hallarse” (uno mismo) remite a la acepción menos frecuente, de ahí que figure en último término en los diccionarios, casi un arcaísmo que ha quedado en los bordes de provincias, en pueblos y zonas rurales más alejadas de los grandes centros, motivo que me impulsa a privilegiar las resonancias antiguas del espectro semántico medieval, en un rescate figurado del “olfateo semiótico” de lo propio, de vestigios íntimos, de huellas profundas y sutiles.

La significación de la frase hecha remite tanto a ese encontrarse con lo propio (“como en casa”), cuanto a lo espacial, al estar en un “lugar” de concordancia o de discordancia con el fuero íntimo del que profiere el enunciado. Se podría decir metafóricamente que el animal territorial que somos olisquea la semiosis en busca de sus pistas, de esos indicios prístinos, de esos gustos adquiridos en rituales cotidianos y creencias recónditas habituales de su hábitat. Las situaciones, protagonistas, objetos, tonos, acentos, cadencias discursivas, ritmos, modalidades, olores, luces, sombras, colores, distribución de lugares, vestimentas, peinados, miradas, gestos, muebles, utillajes, etc, etc. cualquier práctica, toda experiencia podrá ser sometida a las pautas de ese embrollo semiótico alojado en el dispositivo básico de un habitante que “se halla” o “no se halla” de acuerdo con la impronta inconfundible de sus costumbres.

No estamos propiciando un alegato a favor de un determinismo anacrónico ligado a la “tierra” o al “paisaje”, simplemente indicamos un cruce nodal en la adquisición “situada” de los hábitos en general y de la lengua en particular. Aunque las descripciones y argumentaciones posmodernas aduzcan una “desterritorialización” del humano, sujeto a las máquinas y a redes del “ciberespacio” con sus erráticos tránsitos, consideramos que tal relato no solo no invalida la “habitualidad primaria”, sino que además, excluye a inmensas masas humanas que no viven esas experiencias pues no tienen aún acceso a semejantes alternativas tecnológicas. Quizá en el futuro (¿quién sabe cuál será el futuro de la especie?), todos nos encontremos masivamente tecnologizados, no obstante nos lanzaremos a las redes desde algún lugar, con una lengua determinada y entraremos en diversos “sitios” del “ciber-espacio” también regionalizado... ¿no hemos trasladado acaso a esa dimensión nuestra impronta espacio-territorial? El nodo semiótico territorial puede transformarse, desplazarse, cambiar algunos aspectos o globalmente, pero “cualquier hijo de vecino” será capaz de saber con certeza si “se halla” o “no se halla” ante tal o cual experiencia, sea ésta en la virtualidad absoluta o por aquí nomás en la territa que nos tocó habitar.

2. Semiosferas mestizas en la frontera

Teniendo en cuenta lo dicho hasta aquí, introducimos el concepto “semiosfera” propuesto por Lotman (1996) en virtud de que sus definiciones concuerdan con la orientación adoptada, propician un enfoque global de la semiosis y despliegan otros aspectos relevantes para nuestros fines. En primer lugar, la “semiosfera” responde al lenguaje espacial primario, tanto en sus aspectos empíricos cuanto en los teóricos. En efecto, la semiosfera encara la semiosis en su infinitud y movimiento perpetuo, pero a la vez supone límites determinados, es decir posee FRONTERAS. En estos confines, materiales y simbólicos, se ubican los “filtros” que operan con las traducciones necesarias para el pasaje de los “textos” de una semiosfera a otra. La categoría “textos” no se restringe a producciones lingüísticas (orales o escritas), sino a todo tipo de práctica y producción semiótica. Una manera simple de ejemplificar esta terminología serían las fronteras entre países, cuyas demarcaciones geográficas, se articulan con costumbres, idioma, moneda, símbolos patrios, documentación y administración. Cualquier pasaje de uno a otro país supone una traducción semiótica variada de acuerdo con las diferencias, en algunos casos habrá que traducir a otra lengua, en otros tan sólo cambiar el dinero, pero siempre habrá “filtros” traductores de lo que fuere necesario traducir. Esta simplicidad nos ayuda a pensar en tantas otras semiosferas posibles, tales como: semiosfera familiar, festiva, mediática, castrense, académica, barrial, juvenil, judicial, barroca, renacentista, regional, urbana, rural, etc. Los usos diversificados conducen a fronteras no tan demarcadas como un límite geopolítico, sino más bien de flexibles alternativas y variada precisión, pero también exigen operaciones de traducción en los pasajes de una a otra. La utilización de este concepto facilita deslindes, diferencias y el establecimiento de características cuya rigurosidad dependerá de la misma investigación y sus propósitos.

Ahora bien, la semiosfera no refiere a una mónada compacta, ni a unidades homogéneas, sino supone composiciones heterogéneas, irregulares y dinámicas. Al interior de las fronteras los componentes semióticos diversos se involucran en múltiples ordenamientos de variada estabilidad, de variadas relaciones y jerarquías. Esto significa que habrá que tomar recaudos para su estudio, descripciones e interpretaciones para evitar generalizaciones o determinaciones exageradas que atenten contra el dinamismo propuesto por su autor, quien sugiere la distinción entre “centro” y “periferia” (categorías netamente espaciales), como una estrategia básica de distinguir lugares concentrados de poder, de prestigio, de legitimación y un alejamiento

hacia los bordes en los que se detectan labilidad de pautas, dilución de normas o disponibilidad más abierta a las mezclas o transformaciones. El movimiento entre centros y periferias es constante en ida y vuelta, no automáticamente sino dependiendo de los procesos socio históricos.

Este somero e incompleto bosquejo de la semiosfera en la práctica adquiere una complejidad y riqueza que aquí no podemos describir; sin embargo, el lector estará en condiciones de concebir con esta síntesis, el enfoque teórico y las vías metodológicas con las que pretendemos interpretar algunos aspectos de la vida fronteriza. La continuidad de nuestros instrumentos queda asegurada con la instalación del trípode “Habitar-Hábitat-Hábito” al interior de la dinámica de la semiosfera. El dispositivo “H” (por nominarlo de algún modo) no es una máquina central, sino un ubicuo productor y receptor de prácticas semióticas diseminado en todo el espacio semiosférico, cuyas “emanaciones” de significaciones y sentidos se expanden configurando características distinguibles. El lenguaje figurado viene en auxilio de nuestro denuedo por poner en relieve componentes con la mayor determinación posible (hábitos), y a la vez volver relevantes miríadas infinitesimales de rasgos, vibraciones y tensiones que se perciben como el humo, el olor o los vapores, en fin, “brumas” disipadas que son perceptibles pero no siempre descriptibles en unidades enteras. Tanto en el lenguaje como en los demás hábitos se podrán establecer determinaciones y diferencias, pero además habrá que atender a los matices, a las cadencias, a las tonalidades, a las diversas variaciones que hacen a la diferencia y constituyen improntas integrales de las modelizaciones propias de cada semiosfera.

Se supone que la interacción de los grupos se desarrolla al interior de una semiosfera pero en este caso se trata de interacciones que “habitan la frontera”, por tanto habrá que convertir el borde en centro, o lo que es lo mismo, habrá que ubicarse en la paradójica reversión de una “semiosfera fronteriza”. La frontera que define sus términos respecto de centros de significación y sentido, aquí concentra en su propia dinámica matrices rectoras de la semiosis que intentamos poner en relieve. Se supone también que las fronteras son demarcaciones de pasajes, de atravesamientos, pero en este caso consideramos poblaciones “habitantes de frontera” que no solo atraviesan constantemente la frontera en un movimiento continuo y habitual, sino que a la vez la frontera los atraviesa modelando idiosincrasias típicas de “semiosferas fronterizas”, con variaciones según los lugares que se decida investigar.

Las dinámicas fronterizas se caracterizan por la dúctil propensión a las mezclas étnicas, lingüísticas y de costumbres en general. El “habitante de frontera” tiene una fina percepción semiótica de las diferencias, producto de su experiencia cotidiana de habitar los contrastes tanto en conjunción como en disjunción. Este contacto constante con “lo otro” se vuelve algo familiar y habitual, su experiencia incorpora y procesa en convergencia, por un lado, un sentido de pertenencia lábil pero efectiva a un grupo determinado (p.e. nación, etnia, lengua), y simultáneamente una paradójica disposición a la mixtura con “lo otro” compatible con su pertenencia a la “semiosfera fronteriza”. Sabe que su hábitat es la frontera, por tanto la mixtura forma parte constitutiva de su memoria semiótica. En el cotidiano de la “semiosfera fronteriza” los mestizajes, las hibridaciones y fusiones operan con una movilidad abierta a las infinitas alternativas, al tiempo que se reconocen regularidades afianzadas que le confieren particularidades reconocibles.

La noción de “lo intercultural” acuñada por Bhabha (1994-2002) ha contribuido a la investigación sobre el habitar “entre” con un atinado relieve sobre lo espacial primario en las definiciones básicas de la cultura, anunciadas desde el título mismo de la publicación de sus trabajos: *The location of culture*, traducido al español: *El lugar de la cultura*. Esta inteligente y sutil propuesta pone en escena la conflictiva situación de las memorias semióticas que oscilan entre dos o más culturas con apropiaciones y pertenencias simultáneas, contradictorias y concordantes, afines y distintas. “Lo intercultural” emerge en una instancia situada de enunciación que sostiene las tensiones irresueltas “entre”, ubicadas sobre el límite o lo que es lo mismo sobre la frontera de la diferencia cultural en juego. Demás está decir que esta exigua síntesis no hace justicia a la productividad de los aportes que ha brindado su autor, pero al menos intentamos dejar constancia de la utilidad de este concepto y sus implicaciones en la intrincada trama de las “semiosferas fronterizas”. Estos estudios nos han permitido auscultar la vigencia de procesos paradójales producto de las racionalizaciones modernas, de la constitución de naciones poscoloniales y de la concentración del poder homogenizador, en coincidencia con nuestras propias investigaciones.

No obstante, habría que señalar que la vulgarización desaprensiva y el uso indiscriminado del término “intercultural”, principalmente en el ámbito del sistema educativo, nos ha planteado un problema de interpretaciones equívocas. Por ejemplo, en muchos casos la interculturalidad se acopla a una concepción de “bilingüismo” a ultranza

que propicia el “hablar bien” una y otra lengua, acompañada de la pertenencia “clara y distinta” a una “identidad” u otra. Lo “inter” se ha implementado entonces, como una coartada y un refuerzo de la lógica de la identidad, integradora y autoritaria, en una negación y desvalorización de mezclas y fusiones en todas sus formas. Si hay algo que la racionalidad occidental y colonial ha descalificado, son los procesos históricos de mestizajes a los que ha declarado subalternos, execrables y por qué no inaceptables. De un tiempo atrás a nuestros días, soportamos la parafernalia bibliográfica (con tufillo culposo), con sus consignas acerca del “respeto a la diversidad”, de “tolerancia políticamente correcta”, de “lo multicultural”, de “reconocimiento de lo diverso”, de “educación en la diversidad”, los proyectos de “educación intercultural bilingüe”, etc. y etc. Estas usinas académico-ideológicas han diseminado sus constelaciones léxicas en la documentación oficial de las presuntas transformaciones del sistema educativo, provocando atenuaciones de las rígidas exigencias de la identidad homogénea, pero en rigor de verdad, los discursos amañan su argumentación salvaguardando viejos prejuicios hacia los procesos de mestizaje.

Si nuestro cometido se orienta a interpretar prácticas y memorias semióticas habituales de los “habitantes de frontera”, habrá que emprender una reflexión sobre las mudanzas continuas y las mixturas indiscriminadas de la interacción en los confines. La “indeterminación” y la “contingencia” ensamblan sus intervenciones contiguas en el espacio “inter” (tal como lo plantea Bhabha), en franca discusión con determinaciones y causalidades absolutas. Por otra parte, no solo en las fronteras habrá que atender al mestizaje, sino principalmente asumir que la mayoría de la población escolar de nuestro país en general y en la provincia de Misiones en particular, proviene de procesos de mestizajes en plena vigencia. Cuando el sistema educativo emprende proyectos de “educación intercultural bilingüe” destinados a grupos aborígenes sobrevivientes o bien a escuelas ubicadas en las fronteras con Brasil, se sostienen los deslindes controlados de lenguas y culturas. Estas nominaciones apelan a una comprensión de “lo diverso” pero eluden mencionar y atender la masa matricular de mestizo-criollos cuyas idiosincrasias y lenguajes quedan diluidos en la “normal estandarización” de una “argentinidad” molar que no existe.

En las fronteras semióticas se experimenta con aguda intensidad el vigor de procesos de “mestizaje”, término que ha tenido también sus avatares teóricos. Aquí lo recuperamos como válido haciendo algunas salvedades. Una de las acepciones más consolidadas, lo define como resultado acabado de la fusión de unidades enteras, de identidades definidas (razas, lenguas,

culturas), que en su constitución pasa a una síntesis que compone una nueva identidad. Se lo ha utilizado como sinónimo de mezcla, hibridación y sincretismo convergente en una “identidad mestiza” que conlleva valoraciones y estigmas asignados desde las culturas poderosas y coloniales. Esta corriente de extensa tradición ha consolidado sus inapelables descripciones y ha pretendido dar cuenta del fenómeno identitario surgido de las históricas dominaciones de las conquistas coloniales. Lo mismo vale para las interpretaciones que se han implementado respecto de los contactos fronterizos entre naciones y respecto de la hegemonía “blanca” sobre las culturas autóctonas. El mestizaje, desde esta perspectiva, compone identidades diversas respecto de culturas puras y completas en el “origen” del proceso.

En cambio, el concepto redefinido alude a procesos de mestizaje que comprenden, abarcan e incluyen operaciones de mixturas, ensambles, traducciones, transmutaciones, montajes, encastrés, articulaciones, hibridaciones y fusiones, inmersos en semiosis infinita. No se arriba a una síntesis cerrada y final, no consiste en una identidad completa, sino que se trata de un flujo en marcha de conexiones polivalentes cuyas dinámicas modifican y transforman correlatos semióticos en proceso. Lo inestable, lo irresuelto, lo imprevisto, lo no contemplado por los sistemas (gobierno, gramática, lógica), el todo-vale de interacciones, hablas y experiencias, no solo presentan un inconveniente difícil de encarar para el discurso teórico, sino también un conflicto para los mecanismos de control. El mestizaje en esta acepción abre posibilidad, desafía al pensamiento y reclama otras pautas. No parece atinado decir “otros paradigmas”, porque los “paradigmas” traen en su propia semántica griega, ordenamientos de una lógica formal de hierro. El “pensamiento mestizo” se interna en territorio peligroso no solo porque será descalificado, sino porque se abisma en lo eventual y desconocido. El pensador argentino Macedonio Fernández interpreta que la “todo-posibilidad” instaaura esa instancia de lo inestable, de lo indeterminado, de creación y máximo riesgo, al tiempo que con criolla lucidez insiste sobre esta fórmula para nuestra cultura en desfase perpetuo respecto de parámetros eurocéntricos. Una sencilla fórmula que pone el dedo en la llaga de nuestras experiencias mestizas, descentradas, excéntricas y paradójales.

En este sentido, no estamos hablando solamente de tal o cual frontera geopolítica, sino que más bien aspiramos a incursionar en una reflexión semiótica sobre el mestizaje y desde el mestizaje, en tanto pensamiento situado, enunciado desde una memoria de lugares marginales, “aquí y ahora”

en pleno debate sobre su relación con el mundo globalizado, sobre sus estrategias éticas y políticas. La enunciación enclava su emergencia en la encrucijada del “dispositivo H” (habitar, hábitat, hábitos), por ende, asume su historia, su distancia y su diferencia. La memoria y la experiencia del borde lateral y tangente respecto del poder que establece reglas y determina excepciones, nos pone en la búsqueda soberana de otros juegos de lenguaje que piensen-digan nuestras formas de vida y nuestros modos de supervivencia. Las contradicciones que nos arrollan y se hacen carne en el cotidiano trajinar de la vida práctica convierten las “aporías” en sentido común. Mientras las “aporías” definían para los griegos el atolladero de un “callejón sin salida” para la razón atorada por la contradicción (máximo oprobio de la lógica), para nosotros deviene en normalidad del acontecer a contra pelo del orden y los controles del poder concentrado. El discurso mestizo desobediente al principio de identidad, desubicado y con el tercero incluido, procura enunciar lo suyo “a como dé lugar” (dice el modismo dialectal), precisamente porque habrá de configurar su “lugar-otro” con lo que tiene y dispone. En este sentido me parece atinado recordar la frase de una vecina local, conversando con otra en la vereda, cuando rematando un tema (no importa cuál) dice: “y siempre hay para uno rebuscarse, che”. En la contundencia coloquial se amalgaman forma, saber y modos mestizos. El disloque sintáctico respecto de la ortodoxia del español; la apertura con “y” ilativa, propia del ritmo en continuidad constante de la cadencia del discurso oral y el cierre con el apelativo del argentinismo “che”, cuya etimología se discute, pero en nuestra zona responde claramente al guaraní; el uso “abriselerado” de la preposición “para” (el dialecto la incorpora en muchos giros: “traé para mí”, “da para experimentá” “para mí llevar”). Finalmente, su “estancia” en el mundo abierto al eterno “rebusque” de lo que “haya”, de lo indeterminado y contingente, en una disposición aguerrida, resignada y a la vez creativa, con un dejo de sarcasmo, aprietan en su economía toda una filosofía de vida, experiencia y memoria grupal. Sepan disculpar este minimalismo exacerbado de nuestra interpretación, pero sucede que las condensaciones semióticas de la memoria mestiza atañen a toda eventualidad y acontecer de nuestras vidas, desde lo más anecdótico y trivial, hasta lo más emblemático y existencial. Las joyitas del acervo coloquial atesoran índices, huellas y procedimientos válidos y útiles para seguir los rastros de procesos longevos de mestizaje. En el habla y en las costumbres fronterizas se despliegan constelaciones mestizas que solicitan sensibilidad, otras categorías y otras operaciones.

El vértigo de los ajetreos fronterizos pone en escena la pertinencia semiótica de las experiencias liminares. El habitante de frontera experimenta con creces las implicaciones del límite, del asomo a lo diferente, del

pasaje a lo otro, la perplejidad de las traducciones en vilo, un cierto “espasmo semiótico” ante la todo-posibilidad. Con esto damos un giro más a los mestizajes, en el sentido de que al no estar acabado el proceso, ese habitante (dispositivo H) pisa “umbrales semióticos” que pone en crisis los signos, el bagaje de sus aprendizajes y experiencias adquiridas. Consideramos que los “umbrales” merecen atención y estudio. ¿Cómo describir, cómo conceptualizar ese instante-espacio en que la memoria semiótica encara el límite? ¿Cómo dar cuenta de ese encuentro-desencontrado en crisis del propio acervo ante la diferencia? ¿Cuáles serían los principales ejes de reflexión que pondríamos en relieve? En el próximo párrafo presentaremos algunas indagaciones y conjeturas orientadas a dilucidar algunas líneas de reflexión que permitan ponderar su complejidad y características de su emergencia.

3. Umbrales semióticos

En primera instancia, planteamos la emergencia de “umbrales semióticos” en un sentido general, en experiencias de interacción en las que entran en contacto, cruce o fricción semiosferas diferentes cuyas fronteras solicitan traducciones, tal como lo propone Lotman; pero lo que nos interesa remarcar en dicho proceso es el acontecimiento experimentado en tal encuentro-desencontrado. En rigor, estamos relevando el punto mismo en el que se detecta la experiencia semiótica de lo otro, de lo extraño, de lo ajeno y diferente. Si anteriormente habíamos señalado la pertinencia de lo “inter” (*in between*), según Bhabha, ahora precisamos con sintonía más afinada, la hipótesis de “umbrales semióticos” que den cuenta de las turbulencias, vibraciones y tensiones de la semiosis que no se resuelven con operaciones simples y de una vez, sino que instalan duraciones, aprendizajes, desplazamientos, modificaciones que traen consigo una experiencia concreta del límite y sus efectos infinitesimales. Los “umbrales” permiten configurar instancias del tiempo-espacio del flujo de signos alterados ante tales o cuales circunstancias, a la vez simbolizan un proceso de pasaje, de tránsito y de movimientos hacia lo otro. Las valencias móviles del continuo semiótico, *perpetuum mobile*, pierden su estabilidad en diversos sentidos y rangos, provocando desajustes variados en la posibilidad de interpretar. Los interpretantes en vértigo de “umbrales” desestabilizan la interacción, los procesos de significación y sentido, afectan con diversa intensidad la capacidad y la potencia semiótica de los involucrados.

Por otra parte, preferimos adoptar el plural “umbrales” con el fin de facilitar el planteo de un efecto semiótico que no acontece una vez y cierra, sino una irregular emergencia de múltiples trepidaciones, remezones y réplicas que se multiplican de manera despareja, intempestiva y con efectos en cadena. Los “umbrales” nos permitirán pensar en componentes y niveles diferentes, pero no ordenados en “códigos” ni en “gramáticas” estáticas, sino en valencias en constante desplazamiento, en corrientes interpretantes que al entrar en crisis se desquician, se dividen, se acoplan, se asocian, se ensamblan, etc. Quizá la comparación con relámpagos constantes, rápidos, imprevisibles y de diseños siempre variados, facilita nuestro esfuerzo por desplegar esta categoría semiótica.

Si bien la emergencia de “umbrales” en la vida de habitantes de frontera se vuelve casi habitual, no obstante serán testigos privilegiados de los avatares que les deparan las diferencias. He aquí una de las tantas paradojas que fuimos indicando en nuestras investigaciones: el habitante fronterizo testimonia la emergencia de “umbrales semióticos” (experiencia de lo distinto) y al mismo tiempo será el testigo de la habitualidad de la diferencia en procesos de mestizajes. Pero recordemos que el principal propósito y el destino final de nuestro trabajo, consiste en brindar nociones útiles para la alfabetización. En esta dirección, la emergencia de “umbrales semióticos” resulta evidente en el caso de niños que comprenden y hablan otra/s lengua/s, o bien en niños/as sesquilingües (comprenden pero no hablan la lengua oficial), sin embargo también afecta de manera notable a niños/as mestizo-criollos/as o habitantes de zonas rurales o suburbanas cuyas semiosferas familiares y vecinales no responden a las expectativas de la cultura escolar. Se trata pues de un tránsito de dificultosas contingencias cuyas peripecias y crispaciones despliegan disímiles alternativas a la hora de encarar traducciones semióticas. También cabe implementar estas consideraciones en el amplio campo de la enseñanza de “segundas lenguas” o “lenguas extranjeras” en virtud de los distintos grados de “extrañamiento” que tendrá que ponderar el docente para emprender su cometido.

La investigación centra el máximo esfuerzo en este punto neurálgico y focaliza el estudio en este trayecto con el propósito de contar con sustento teórico, instrumentos metodológicos y estrategias didácticas adecuadas. La fuente primaria de esta noción la encontramos en M. Bajtín cuando propone:

El “umbral” es un tiempo-espacio de pasaje. Un crono-topo de crisis en el que un actor semiótico enfrenta el límite de sus posibles desempeños

semióticos, sean prácticas socioculturales en general, sean usos lingüísticos en particular.¹

Partiendo de este breve pasaje (que se refiere al mundo novelesco pero ha resultado de gran utilidad en este otro contexto), hemos conseguido postular una serie de componentes constitutivos de los “umbrales semióticos” (en tanto concepto teórico), que se definen sintéticamente en los siguientes términos:

1) Crono-topo: articula en su ensamble un proceso de tránsito y transitorio, un pasaje de cronicidad efímera.² Se supone que hay que recorrer determinadas pruebas, ejercicios, circunstancias cuyas duraciones son muy difíciles de estipular *a priori*, pero que se sabe, deberían ser superadas para acceder a los aprendizajes de otros modos de significación y sentido. En este tiempo-espacio toda la actuación posee un fuerte sesgo de “modalidades incoativas”: múltiples inicios convergentes, múltiples comienzos inconclusos, inacabados. Tanteos, vacilaciones, dudas, ensayos. Se empiezan muchas variaciones a la vez y se abandonan muchas alternativas. Pluralidad y contingencia ponen en escena el devenir indiscriminado, el movimiento continuo en tanto base semiótica del sentido. Emergencia de factores característicos del “diálogo primario” con variadas alternativas e incidencias semióticas azarosas.

2) Sustentación lingüística: notable debilitamiento del lenguaje en tanto práctica semiótica estructural y estructurante de las interacciones socioculturales. Se registran severas dificultades para la producción lingüística o bien una anulación de tal posibilidad. Las producciones semióticas refuerzan sus articulaciones y correlatos con los demás componentes de las redes de significación:

¹ “Citaremos aquí un cronotopo más, impregnado de una gran intensidad emotivo-valorativa: el umbral. Éste puede ir también asociado al motivo del encuentro, pero su principal complemento es el cronotopo de la crisis y la ruptura vital.” (Bajtín; 1989; 399).

² “Vamos a llamar *cronotopo* (lo que en traducción literal significa ‘tiempo-espacio’) a la conexión esencial de relaciones temporales y espaciales asimiladas artísticamente en la literatura. Este término se utiliza en las ciencias matemáticas y ha sido introducido y fundamentado a través de la teoría de la relatividad (Einstein). A nosotros no nos interesa el sentido especial que tiene el término en la teoría de la relatividad; lo vamos a trasladar aquí, a la teoría de la literatura, casi como una metáfora (casi, pero no del todo); es importante para nosotros el hecho de que expresa el carácter indisoluble del espacio y el tiempo (el tiempo como la cuarta dimensión del espacio). (Bajtín; 1.989; 237).

gestos, posturas corporales, distancias, olores, miradas, tonos y cadencias discursivas. El lenguaje abandona su centralidad y su capacidad integral tanto para generar, cuanto para sustentar los universos semióticos.

- 3) **Crisis de los interpretantes:** lo señalado en los puntos anteriores provoca una laxitud en correlatos y valencias interpretantes que se ven comprometidos en movimientos inestables, turbulencias disipativas, vorágines o torbellinos que afectan profundamente las polivalencias de articulaciones semióticas y los encadenamientos habituales. Conmoción integral de la *semiosis* – proceso infinito de significación (Peirce).
- 4) **Relieves fáticos-conativos:** el debilitamiento de las prácticas lingüísticas y la crisis de los interpretantes promueven un refuerzo de las significaciones sustentadas por gestos, distancias, contactos, olores, miradas, posturas corporales, circulación de objetos (ofrendas, afrentas, dar, no-dar). Las acciones fáticas-conativas³ emergen con fuerza: aguardar, insistir, asediar, reiterar, tocar, mirar, gesticular, etc. Todas estas prácticas se vuelven notablemente potentes a la hora de establecer un incipiente vínculo que permita atar, amarrar la *semiosis* para iniciar procesos de investimentos de sentido y atisbos de comunicación.
- 5) **Pertinencia del silencio:** con frecuencia se detecta mutismos o taciturnidad, cuyas significaciones oscilan entre: a) marcas de indefensión o vulnerabilidad semióticas; b) marcas de resistencia ante la situación crítica, conflictiva y dificultosa. La ambigüedad paradójica mantiene sus términos contradictorios vigentes (impotencia/resistencia, miedo/desafío) el silencio incuba resoluciones o desarrollos que se plasman en los procesos posteriores a los umbrales.
- 6) **Configuración de riesgo:** los “umbrales” suponen componentes de riesgo para la *semiosis*. La permanencia desmesurada en situación crítica afecta severamente los procesos de aprendizaje y la continuidad semiótica. Las experiencias que conllevan diversos grados y aspectos de violencias simbólicas devienen en “umbrales” irresueltos, en memoria de crisis que se arrastra como una “estela intermitente” a lo largo de las diferentes etapas de la vida en general

.....
³ Cf. el clásico artículo de R. Jakobson “Lingüística y poética” en el que propone denominar “conativa” y “fática” (tomada de Malinowski) a la función del lenguaje que privilegia el contacto. (355-356)

y educativas en particular. Con muy diversa frecuencia y variada intensidad, los “umbrales” vuelven a dejar sus huellas en distintos momentos y con distintas manifestaciones en desempeños posteriores. También se podría considerar la posibilidad de que en el tránsito de “umbrales” se produzca una catástrofe semiótica, lo que implica un estallido de las significaciones y sentidos que afecta y compromete las organizaciones semióticas integrales con desequilibrios y búsquedas de un reordenamiento y de composición de los interpretantes desquiciados. Una reconfiguración integral que transforma completamente lo anterior con rangos de organización y equilibrio variados e inestables.

Una vez expuestos los principales rasgos que configuran los “umbrales semióticos”, estamos en condiciones de notar que cuando se indica la emergencia del “diálogo primario” (matriz de contactos primarios del bebé con la madre), nos referimos a la presencia irregular, inestable y turbulenta de sensaciones, afecciones que acentúan los efectos sobre el cuerpo, el relieve de los contactos, los remolinos de silencios, la fuerte incidencia de los espacios, de los olores, de las miradas, de los rostros y gestos, las posturas, las interpretaciones erráticas y cambiantes de los intercambios semióticos. El vigor de la **fuerza conativa/fática** crece y decrece en intempestivas variaciones pero su presencia omnimoda refuerza los impulsos de aprendizajes, el alerta de riesgo y la necesidad de resolución de acciones en estrategias prácticas.

Si bien el inicio escolar constituye nuestro interés específico y resulta emblemático tanto para una descripción teórica y metodológica del concepto “umbral”, cuanto para implementar una batería de procedimientos tendientes al acompañamiento y resolución en procesos alfabetizadores, no es menos cierto que la “umbralidad” emerge en otras situaciones y etapas educativas. Por ejemplo, los docentes de cualquier nivel educativo en “semiosferas fronterizas”, podrán comprobar la emergencia intermitente de “umbrales semióticos” en las dificultades que deben afrontar los/as alumnos/as ante la exposición oral, ante la narración de su propia vida, ante la lectura de un texto, ante la escritura, ante desempeños protocolares básicos del trabajo intelectual en los que su horizonte intercultural mestizo-criollo responde con oscilantes e inseguras producciones a las demandas estandarizadas del sistema educativo. Hemos estudiado las incidencias de los “umbrales semióticos” en el ingreso a la universidad y en estudiantes que cursan sus primeros años de carreras universitarias.

Pero además, no hace falta circunscribir los “umbrales semióticos” a la vida escolar, sino incorporarlos a experiencias de la vida cotidiana en general. Esto significa que entre las infinitas situaciones de intercambio sociocultural que transita cualquier actor semiótico a lo largo de toda su vida, podría encontrarse involucrado en turbulencias semióticas que alteran sus desempeños y sus interpretaciones con semejantes dificultades características de “umbrales semióticos”. Las iniciaciones laborales, sexuales, los cambios de domicilio, los viajes, las situaciones de exilio, en fin, las mil y una circunstancias de “extrañamiento”, de “descolocación”, de conmoción o de catástrofe que se puedan imaginar o transitar, provocan la emergencia de las dinámicas del umbral. Pero tal expansión del concepto requiere otras investigaciones y merece otro tratamiento particular.

4. Exit

Finalmente, realizamos un último repaso sintético de los conceptos expuestos para dar noticia de una de las redes de postulados con los que trabajamos. En primer término, presentamos el “dispositivo H” (habitar-hábitat-hábito), haciendo hincapié en el lenguaje primario del espacio, las incidencias de la repeticiones regulares, sus variaciones diferentes y la continuidad de la instalación del animal semiótico en el mundo territorial. He aquí un nudo semiótico que marca con huellas profundas desempeños básicos del niño en trance de iniciar su proceso alfabetizador. En segundo lugar, incorporamos la noción de “semiosfera”, por su enfoque global del continuo en concordancia con lo anterior, el diseño de fronteras y el relieve de los filtros traductores. Las traducciones semióticas intervienen en continuidad y estipulan operaciones semióticas fundantes en la interacción. En tercer orden, acoplamos las argumentaciones de lo “intercultural”, tanto por sus definiciones espaciales, cuanto por los desarrollos reflexivos sobre el límite. En cuarto lugar, acudimos a una resignificación de los “procesos de mestizajes” en tanto dinámicas que intensifican sus recursos en “semiosferas fronterizas”. En quinto y último término, en dicho conjunto integral insertamos las hipótesis concernientes a los “umbrales semióticos”, sus posibles componentes y sus emergencias en las instancias complicadas y operativas de las traducciones ante la inestabilidad de correlatos y valencias de los flujos interpretantes de la semiosis, provocadas por la otredad, lo extraño y lo extranjero.

Bibliografía

- BAJTÍN M.M. (1989) *Teoría de la novela*. Madrid: Taurus.
- BHABHA H.K. (2002) *El lugar de la cultura*. Buenos Aires: Manantial.
- JAKOBSON R. (1974) "Lingüística y poética" en *Ensayos de Lingüística General*.
Barcelona: Seix Barral, 347-395.
- LOTMAN I. (1996): *La semiosfera I*. Madrid: Cátedra.
- PEIRCE Ch. S. (1988) *El hombre, un signo*. Barcelona: Crítica.

LIVRARIA HUMANITAS
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315
Cidade Universitária
05508-010 – São Paulo – SP – Brasil
Tel: (11) 3091-3728 / Telefax: (11) 3091-3796
e-mail: livrariahumanitas@usp.br

HUMANITAS – DISTRIBUIÇÃO
Rua do Lago, 717
Cidade Universitária
05508-080 – São Paulo – SP – Brasil
Telefax: (11) 3091-2920
e-mail: editorahumanitas@usp.br
<http://www.editorahumanitas.com.br>

Ficha Técnica

Título **CUADERNOS DE RECIENVENIDO/27**
Projeto Visual e Capa Isabel Carballo
Ilustração da capa Norah Borges, *Ajedrez*, 1922
Coordenação editorial Maria Helena G. Rodrigues – Mtb 28.840
Diagramação Selma Consoli – Mtb 28.839
Revisão Laura J. Hosiasson
Mancha 13 x 20 cm
Formato 16 x 22 cm
Tipologia Bookman Old Style
Papel off-set 75 g/m² e cartão vergê branco 180 g/m²
Impressão e acabamento Gráfica da FFLCH/USP
Número de páginas 24
Tiragem 700 exemplares